

Os prazeres de aprender

GILBERT HIGHET

Um professor lembra-nos que aprender é um deleite para a mente e para o espírito, e uma fonte de perene alegria

DA MANEIRA como as escolas estão hoje organizadas, aprender é um ato compulsório. É um Dever. Pior ainda, é uma Obrigação, reforçada por horários regulares e rígida disciplina. Os jovens fazem pouco dos Deveres e resistem às Obrigações com toda a sua energia. Esse sentimento muitas vezes dura a vida inteira. Para demasiadas pessoas, aprender aparenta uma renúncia à nossa própria vontade em favor de uma direção externa, uma espécie de escravização.

Isso é um erro. Aprender é um prazer natural, inato e instintivo — um dos prazeres essenciais da raça humana. Observe uma criança pe-

quena, numa idade em que não tenha nenhum hábito mental implantado pelo treino. Alguns filmes encantadores feitos pelo falecido Dr. Arnold Gesell, da Universidade de Yale, mostram-nos pequenas criaturas que mal sabem falar investigando problemas com todo o zelo e animação de exploradores, fazendo descobertas com a paixão e o enlevo de cientistas aplicados. No fim de cada investigação bem sucedida, surge-lhes no rosto uma expressão de pura alegria interior.

Quando Arquimedes descobriu o princípio físico da gravidade específica, ao observar o deslocamento da água em sua própria banheira, deu pulos de contentamento, gritando: «Eureka! Eureka!» («Descobri! Descobri!») Todas as crianças possuem o instinto que o levou a essa explosão, e o deslumbramento dessa alegria.

O humanista GILBERT HIGHET vem proporcionando o prazer de aprender a duas gerações de estudantes da Universidade de Columbia. Hoje professor jubilado, é autor de muitos livros, incluindo *The Art of Teaching* e *Man's Unconquerable Mind*.

Se o prazer de aprender é universal, por que existem no mundo tantas pessoas embrutecidas, sem curiosidade? É porque foram embrutecidas pelo mau ensino, pelo isolamento, pela entrega à rotina; às vezes, também, pela pressão exercida pelo trabalho duro e pela pobreza; ou intoxicadas pela riqueza, com todos os seus encantos efêmeros e triviais. No entanto, com sorte, decisão e orientação, a mente humana pode sobreviver não apenas à pobreza como até mesmo à riqueza.

Este prazer não está limitado apenas àquilo que se aprende nos livros escolares que são, muitas vezes, tediosos, mas inclui aprender aquilo que está nos livros em geral. Às vezes, quando estou numa grande biblioteca e vejo em volta de mim milhões de livros, sinto um prazer real, sincero, difícil de explicar a não ser por metáfora. Ali não estão apenas resmas de papel sem vida, mas *mentes* vivas nas prateleiras. Cada uma delas fala com voz própria, tão inaudível como as vibrações sonoras que partem das ondas elétricas fora do alcance de nossos ouvidos. Assim como o acionar de um botão em nosso aparelho estereofônico enche a sala de música, quando abrimos um desses volumes podemos entrar em sintonia com uma voz muito mais distante no tempo e no espaço, e ouvimos o que ela diz com sua voz muda — a mensagem de uma mente a outra, do coração ao coração.

Ultrapassando o âmbito dos livros, porém, a cultura significa manter a mente aberta e ativa para receber toda espécie de experiência. Um dos homens mais bem informados que já conheci foi um caubói que raramente pegava num jornal e nunca lera um livro, mas que tinha cavalgado por muitos milhares de quilômetros através de um dos estados do Oeste. Ele conhecia seu estado tão minuciosamente como um cirurgião conhece o corpo humano. Não havia uma montanha nem um vale que não tivessem algo a ensinar-lhe; não havia mudança de tempo que ele não fosse capaz de interpretar. Assim, entre os prazeres da cultura, devemos incluir as viagens: viajar com espírito aberto, com olhos alerta e um desejo de entender outras pessoas, outros lugares, em vez de procurar neles um espelho que reflita nossa própria imagem.

Aprender significa igualmente aprender a praticar, ou pelo menos a apreciar, uma arte. Toda arte nova que se aprende surge como uma nova janela sobre o Universo; é como adquirir um novo sentido. Porque nasci e fui criado em Glasgow, na Escócia, uma horrenda cidade industrial do século XIX, não tive a menor idéia do que era arquitetura até os meus 20 anos. Desde então, aprendi um pouco sobre essa arte, que tem sido um constante deleite. Em minha mente, tenho permanentemente um álbum que contém brilhantes fotos da Mesquita Azul,

em Istambul, da pequena igreja de São João Nepomuceno, em Munique, da invulgar acrópole de Lindos, que se ergue lá no alto sobre o resplandecente mar de Rodes, e de muitos outros esplendores.

Os ofícios também são dignos de ser explorados. Um amigo meu resolveu dedicar-se à encadernação de livros porque seu médico lhe receitou algo que fosse relaxante para os nervos. A princípio era difícil, mas, gradativamente, ele aprendeu a enquadrar o papel e as capas, cortar as páginas, pregar a lombada, e trabalhar sempre com precisão e limpeza.

Dentro de poucos anos, esse *hobby*, que inicialmente lhe parecia bastante aborrecido, tinha-lhe aberto novas perspectivas de prazer. Começou a colecionar livros raros dos últimos cinco séculos; aprimorou seu interesse pela impressão; finalmente, abriu uma impressora própria e tem a alegria de produzir seus próprios e elegantes livros. Existem muitos outros ofícios, e a maioria deles contém um prazer essencial: o de fazer algo que perdurará.

Segundo a tradição, Ptolomeu, o grande astrônomo do mundo greco-romano, trabalhou pacificamente em seu observatório sob os céus transparentes do Norte do Egito durante 40 anos. Muitas e grandes foram as suas explorações do universo estelar. Por exemplo, descreveu a refração astronômica de uma maneira que permaneceu insuperável por mais de mil anos.

Ptolomeu escreveu apenas um poema, mas este exprimia toda a sua vida:

Sei que sou mortal, efêmero; e, no entanto,
Quando admiro a multidão de estrelas
[revolventes,
Então, já não palmilho a terra, e, em
[companhia
Do Eterno, partilho do manjar dos deuses.

A cultura leva nossas vidas (como diz Ptolomeu) a adquirir novas dimensões. É cumulativa. Em vez de diminuir com o tempo, como a saúde e a força, vai nos dando mais e mais proveito, desde que...

Desde que sua finalidade, através da vida, à medida que a gente continua a aprender, seja a de integrar o pensamento ou a fazê-lo harmonioso. Se você é engenheiro e também gosta de cantar, coordene essas duas atividades. Elas se unem em você; não estão em conflito. Cantar num coral e praticar engenharia são exemplos da habilidade arquetônica do homem – do seu poder de fazer um grande plano e de levá-lo com clareza aos outros. Ambas as atividades são estéticas e dependem bastante da simetria. Pense nelas não como se fossem dissociadas, mas como se cada uma constituísse um aspecto da mesma unidade. Você as executará melhor, e será mais feliz.

Estes conselhos são difíceis de se dar aos jovens estudantes. Estes são explosivos, exploratórios, insurretos. Em vez de integrarem num todo suas vidas, preferem procurar

mais e tentar mover-se em direções opostas simultaneamente.

Muita infelicidade têm sofrido as pessoas que nunca reconheceram que é preciso fazer de si mesmas um todo, uma personalidade harmoniosa, do mesmo modo que é necessário a uma pessoa manter-se limpa, saudável e sem dívidas. A inteireza da mente e do espírito não é uma qualidade conferida pela natureza ou por Deus. É igual à saúde, à virtude e à sabedoria. O homem tem capacidade para atingi-la, mas, para consegui-la, depende de seus próprios esforços. Necessita de um deliberado esforço da mente e das emoções, e até mesmo do corpo.

Durante nossa vida terrena, o corpo gradualmente vai morrendo; mesmo as emoções se tornam embotadas. Na maioria das vezes, a mente continua a viver e até se torna mais ágil e ativa, diverte-se mais, trabalha e brinca com mais expansividade e alegria.

Muitas pessoas brincaram até a morte – ou comeram e beberam até morrer. Nunca ninguém morreu de pensar. O pior perigo que nos espera não é a velhice, mas a preguiça, a indolência, a rotina, a estupidez – forçando seu caminho como o vento através das persianas, penetrando no porão como a umidade. Muitos que não quiseram aprender, ou abandonaram os estudos, descobrem que sua vida secou. Passam 30 anos numa espreguiçadeira, olhando soturnamente a areia e o mar, ou sentados à varanda, esperando que alguém passe pela estrada... mas isso não é maneira de viver.

Nenhum estudante teve jamais falta de assuntos a explorar. Os prazeres de aprender são prazeres de fato. Essa palavra deveria ser mudada. O certo não é prazer, mas *felicidade*. Você pode viver mais e melhor, e de forma mais compensadora, atingindo e preservando a felicidade de aprender.



UM RAPAZ, em férias na Côte d'Azur, entrou por engano no quarto de hotel de uma senhora idosa e gaguejou confuso: «Perdão, madame. Devo estar no quarto errado.»

«Absolutamente, meu rapaz», corrigiu ela. «Você só está é com 40 anos de atraso.»

– Die Zeit, Hamburgo

UMA NOITE, o coro da igreja estava ensaiando um desses hinos modernos. Nas últimas estrofes, os componentes ficaram completamente dominados pelo ritmo, balouçando como se fosse uma valsa e finalizando com um melodioso acorde vocal e um rodopio.

Quando terminaram, o padre, que tinha estado observando tudo muito admirado, anunciou: «E agora, por favor, escolham os pares para o hino seguinte.»

– D. F.